

Nº 05  
VOLUME 03  
Dezembro  
2003



# Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



Mestra Lídia - Tibau do Sul/RN

# Pastoril

Uma celebração natalina



Borboleta  
Tibau do Sul/RN

DÁCIO GALVÃO

O Pastoril insere-se no ciclo natalino, celebrando em "jornadas" ou "partes" cantadas e dançadas aspectos profanos e religiosos.



Pastoril de Pirangi -Parnamirim/RN

Efusivamente exalta seus personagens, saúda os presentes, louva o Messias, o dono da casa que o recebe. Tudo isso, numa saga teatral, poética-musical, envolvendo um percurso



Cigana do Pastoril de São Gonçalo do Amarante/RN



Dona Raimunda (81 anos), Camponesa Pastoril do Porto, Nísia Floresta/RN

simbólico iniciado no nordeste brasileiro indo até Belém, da Judéia. É a reelaboração nacional de autos peninsulares ibéricos, não mantendo, entretanto, enredo fixo e invariante quando se compara um grupo a outro. O estudioso do assunto, Théo Brandão, enxerga a origem do Pastoril nos "antigos autos portugueses, que eram formas de dramatização medievais, com a mesma estrutura dos autos de Natal de Provença, sul da França". A etnomusicóloga Dinara Helena Pessoa, aponta a etiologia do

Pastoril oriunda "de autos vindos da Península Ibérica, trazidos pelos portugueses durante a colonização" e, "das canções natalinas espanholas denominadas villancicos (muitos de caráter profano), freqüentemente escritos em galego-português". O Pastoril oscila nas suas caracterizações no número de componentes, em detalhes da indumentária, adereços, formação orquestral, coreográfica e nas "partes" ou atos e cenas. O "Velho", por exemplo, pode vir a ser o "Pastor" portando seu cajado ou, em outra versão, um palhaço de posse de sua "mandioca". Porém, coincidem personagens e dada estrutura pontuais aos folguedos, quais sejam: a Mestra, Contramestra, Diana, Belo Anjo, Cigana, Camponesa, Borboleta. Também no posicionamento dos dois Cordões formados por filas de Pastoras e nas cores predominantes em cada um deles. O Encarnado liderado pela

Mestra e o Azul pela Contramestra, significam tons votivos, respectivos das cores de Nosso Senhor e de Nossa Senhora. Em outros brinquedos, essas mesmas cores representam os partidos de Cristãos e de Mouros no riquíssimo universo imaginário da cultura de tradição. As jornadas de "abertura" e de "despedida" estão imprescindivelmente presentes. Entre elas um número de várias outras, incluindo as louvações e as de autopromoção, (Tava sentada numa pedra fina / me embelezei com uma fita azul...), podendo variar em número de quinze a quarenta. A "chamada" do Velho Palmeira é normalmente depois da terceira ou quarta parte. Aproxima-se, ficando na frente dos Cordões dançando perto da Mestra, da Diana, Florista e Contramestra e depois, proseando, solta loas, adentra aos Cordões, fustigando em doses de humor, as demais Pastoras.



Estrela Tibau do Sul/RN



Diana Tibau do Sul/RN



Borboleta - Pastoril do Centro Educacional Prof. Genar Bezerril, Pedro Velho/RN



Palhaço São Gonçalo do

JORNADAS DE PASTORIL  
Informante: Mestra Lídia,  
Tibau do Sul/RN

#### ABERTURA

Dono da casa o senhor me  
dê licença  
Prá meu Pastoril brincar  
Que nós viemos  
para adorar  
Jesus nasceu para  
Nos salvar

É de meu gosto, é de  
minha opinião  
É de amar o Encarnado  
com prazer no coração  
É de meu gosto, é de  
minha opinião  
É de amar o Azul  
com prazer no  
coração

## DESPEDIDA

Às quatro horas da manhã  
Quando vem rompendo  
aurora  
Os Anjos cantam lá no céu  
As Pastorinhas vão embora

Ai, com saudade,  
eu me retiro  
Não vim para ficar  
As moças são deliciosas  
Cabeceiras e generosas  
Lindas como as rosas

A figura da Diana,  
representando a isenta  
mediação entre os dois  
Cordões, é ponto pacífico  
em todas as estruturas.  
O Pastoril é brinquedo  
considerado pertencente  
junto a outros autos - Boi  
de Reis, Chegança,  
Fandango, Lapinha-, aos  
Reisados, que na acepção

de especializados pesquisadores são manifestações populares ligadas ao Natal, nascimento de Jesus Cristo, na data de 25 de dezembro, instituída pelo papa Júlio, no século IV, indo até 06 de janeiro, dia dos Santos Reis. É essa, em última instância, a principal base de sustentação do arquétipo cristão no auto: a vinda de Cristo ao mundo terreno.

Comuns aos estados nordestinos, no Rio Grande do Norte os Pastoris estão ativos em vários municípios (Pedro Velho, Nísia Floresta, Tibau do Sul, São Paulo do Potengi, Parnamirim), alternando fases de apogeu e de declínio. Aparece, desaparece, reaparece. A Mestra Lídia, das Cabeceiras, Tibau do Sul-RN, brincante de Drama e Pastora há mais de quarenta anos, forjada nos

saudosos bailes de Seu Aristides, nos informa o seu modo de brincar, de amestrar: Cordões compondo número mínimo de seis pastoras, Mestra e Contramestra à frente e entre os Cordões, a Diana e a Florista. A Borboleta, a Estrela, Cruzeiro e o Palhaço desenvolvem danças peculiares. A pequena orquestra é composta de sanfona, zabumba, pandeiro e ou triângulo. O coro é entoado por todos os participantes e as vozes solas são circunstanciais. Então, na viagem musical sem ordem rígida pré-estabelecida vai-se repertoriando valsinhas, maxixes e marchinhas predominantemente. No transplante cultural, a colaboração afro-brasileira vai espocando aqui, acolá. Seja no gênero musical, trazendo a "síncopa africana" ingrediente formador do "Maxixe", nos diz Câmara Cascudo no Dicionário do Folclore Brasileiro, ou na tematização culinária referindo-se ao típico vatapá. Diz a jornada



Pastoril de São Paulo do Potengi/RN

tibauense: "A folha no vatapá, se pisa bem pisadinha / se bota com o dedo, na boca do meu benzinho...". As letras tradicionalizadas, projetam temas inerentes ao folguedo (sacro-profano), expondo as construções poéticas saudosas, pueris, melancólicas, religiosas (Agora, vamos Pastorinhas belas / colher as flores desta Capela...), ao contraste de cantigas acintosas subvertendo a moral pastorícia vigente, escancarando-a em ritmo

frenético: "... botei meu Pastoril na rua / prá dá o que falar / essas línguas faladeiras / ai, quem quiser, se arremecha para ver que não apanha /

Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO  
Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790  
www.proj-nacaopotiguar.com.br

Direção Artística e de Pesquisa  
Dácio Galvão

Fotografias  
Candinha Bezerra

Consultoria  
Luiz Assunção

Texto  
Dácio Galvão  
Mestre em Literatura Comparada - UFRN

Programação visual  
CO2 COMUNICAÇÃO

Florista  
Tibau do Sul/RNCigana  
Tibau do Sul/RNCruzeiro  
Tibau do Sul/RNAparecida Rocha (64 anos), Cruzeiro  
Pastoril do Porto, Nísia Floresta/RN



Pastoril do Centro Educacional Prof. Genar Bezerril  
Pedro Velho/RN



Ana Mestre e Camponesa  
Pastoril de Tibau do Sul/RN



Pastoril de Carnaúba - Pedro Velho/RN



Diana do Pastoril de Pirangi  
Parnamirim/RN



Pastoril de São Gonçalo/RN

minha volta é cruel / as Pastoras é quem ganham..."(.) Tudo muito bem temperado de requiebro insinuantes, sensuais, provocadores. No decorrer da apresentação poderá ter prendas leiloadas (prato de camarão, peixe frito com beiju ou tapioca, lagosta, galinha caipira, etc). As danças exclusivas de Pastora(s) próximo de espectador(es) em meio ao público, ou "dançar no pé" mediante uma dada quantia em dinheiro é indício de Pastora admirada, pretendida, disputada. A emulação para competição coreográfica entre os Cordões, e o "subir a fita" encarnada ou azul, por opção de algum assistente, tremulada no "pau" ou na "vara" é ocasião esfuziante. Nesse momento, o dinheiro que vier a ser arrecadado será recolhido pelo Velho Palmeira, o palhaço. Uma vez hasteada a fita,

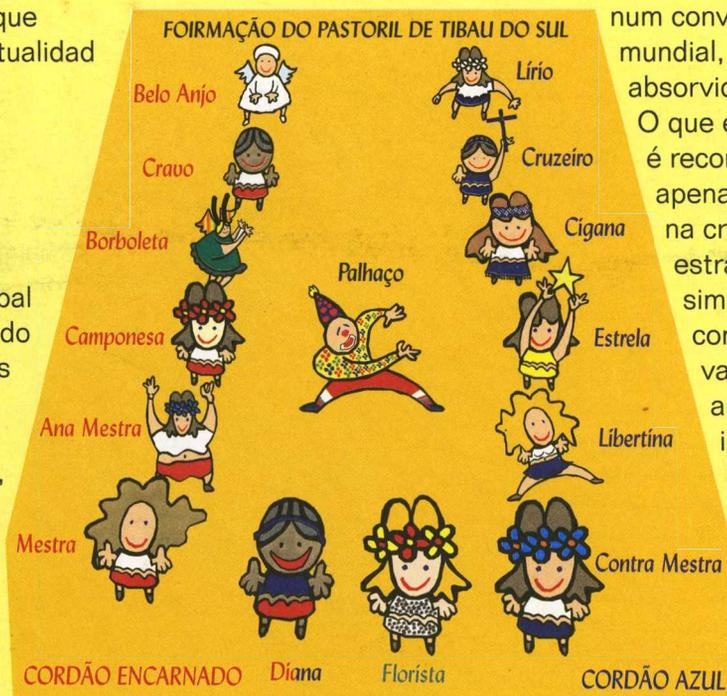
se encarnada, poderá dançar as Pastoras do Cordão Encarnado. Se for fita azul na ponta do "pau", só dançam Pastoras do Cordão da cor correspondente. Enquanto um Cordão dança e canta provocativamente o outro assiste. Esse clima é a culminância da participação entre os que assistem e os que "brincam". Gestualidade e exarcebada, gracejos, manifestações entusiastas da platéia, movimentação corporal e verbal sedutora, loas do palhaço, cantos eufóricos, dinheiro e depois ao final, o forró autêntico varando madrugada. O Pastoril sempre se constitui numa das saídas honrosas de reidentificação do povo brasileiro, para celebração do Natal. As jornadas alusivas ao Messias revestem-se de melodias brasileiras com características próprias

sem nada dever esteticamente às canções comerciais tematicamente correlatas, americanas e européias, tão difundidas por nossos veículos de comunicação. As composições estrangeiras têm valores inegáveis. As de fundo erudito principalmente, escritas por compositores

Harry Bollback (1925) presentes no disco "Cânticos de Natal", interpretados por Walter Weiszflog (barítono) e Selma Asprino (organista), são inquestionáveis. Ou mesmo, a balada inglesa "Happy Xmas (War is over)", bem popularizada no Brasil do ex-beatle John Lennon, num convite à paz mundial, deve ser absorvida positivamente. O que está em jogo não é reconhecermos apenas o qualitativo na criação estrangeira. Mas sim, o empenho consciencioso de valores antropológicos identificadores de culturas para aqui transplantadas e há muito reelaboradas, especificadas e por extensão, nacionalizadas sem ranços xenófobos. Aí, poderíamos pensar um Natal sem neve, sem pinheiro, amêndoas exóticas. Substituindo pela ambiência do semi-árido, poderíamos dispor de árvores de Natal

simbolizadas em galhos secos de marmeleiros ornados por casulos de cigarras, fitinhas e bonequinhos de pano, como outrora ingenuamente acontecia. Fixada a matriz e o caldeamento nordestino, as jornadas do nosso Pastoril pontuam em suas representações dançadas e entoadas, as mais interessantes maneiras de celebração natalina da região. Hoje, lamentavelmente ficaram restritas às classes dominadas, sem poderio formador de opinião e, conseqüentemente, não se disseminam. Apesar das investidas globalizantes, as tentativas de dominações culturais de fora para dentro, ou dentro para dentro- ainda não foram suplantadas totalmente essa e outras formas expressivas da cultura de tradição enquadradas no ciclo natalino. Esperamos, enfim, resistirem apesar dos óbvios pesares.

Adereços:  
Maria Do Céu Galvão e  
Elizabeth Fraga



do calibre do alemão Peter Cornelius (1824-1874), do inglês Benjamin Britten (1913-1976), do francês Charles Gounod (1818-1893), do italiano Pietro Alessandro Yon (1886-1943) e do americano



Palhaço - Pastoril de Pirangi

FIERN  
SESI

UNIVERSIDADE  
POTIGUAR  
www.unp.br

Nossa cultura, nosso saber.